

O presente e o passado na história da criminalização dos movimentos sociais dos trabalhadores rurais de Fernandópolis: o “Levante de 1949”¹

Vagner José Moreira²

As disputas em torno dos sentidos do passado revelam dimensões das contradições vividas, das relações de poder e da luta de classes no presente. O processo de ocultação histórica de experiências sociais dos trabalhadores rurais, em seus diversos movimentos de luta por transformações sociais, tem sido utilizado na composição do saber histórico hegemônico.

Uma evidência desse processo histórico são as versões sobre o movimento de trabalhadores em junho de 1949, em Fernandópolis, região Noroeste do Estado de São Paulo. As versões narradas no presente estão marcadas por disputas em torno dos sentidos da memória, cujo processo histórico vivido é significado, por vezes, pelo esquecimento ou a recusa em lembrar-se desse passado, bem como pelo “medo” que o movimento provocou junto à “população da cidade”. Para o sentido comum, versões sobre a “ameaça comunista” parecem povoar as memórias de muitos.³

Ocultar o sentido histórico das lutas dos trabalhadores e criminalizar os movimentos sociais de luta pela terra não se constituem em práticas sociais de dominação apenas no presente.⁴

¹Artigo parte de algumas considerações do Terceiro Capítulo da tese: MOREIRA, V. J. *Memórias e histórias de trabalhadores em luta pela terra: Fernandópolis-SP, 1946-1964*. 2009. 266 f. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, UFU, Uberlândia, 2009.

²Professor do Curso de História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE; Coordenador do Laboratório de Pesquisa Trabalho e Movimentos Sociais – LTMS/UNIOESTE. Doutor em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia.

³PROCESSO CRIME, n. 140, de 23 de agosto de 1949. Comarca de Votuporanga-SP, Votuporanga, 1949. Em diversas passagens do processo crime é comum a descrição do levante de trabalhadores, ocorrido na noite de 23 para 24 de junho do ano de 1949, como a noite escolhida para dar início à “revolução agrária” e “comunista no Brasil”, cujo programa vislumbra “tirar da miséria todos os trabalhadores”, “eliminar a injusta condição social reinante no país”, “por fim ao absolutismo dos patrões, à escravização, a ganância e a exploração dos intermediários”; declarava-se a “inutilidade de se trabalhar para outrem e a distribuição gratuita da terra”; o movimento iria encerrar de vez as ações imperialistas no país. Essa constitui em uma das muitas versões para o movimento de luta pela terra na região de Fernandópolis. Para a explicação histórica de esse processo crime conferir o segundo capítulo da tese: MOREIRA, op. cit.

⁴Sobre o processo histórico de criminalização dos trabalhadores, Karl Marx afirma, em “A assim chamada acumulação primitiva”, a “Legislação sanguinária contra os expropriados desde o final do século XV. Leis para o rebaixamento dos salários”, que: “Os expulsos pela dissolução dos séculos feudais e pela intermitente e violenta expropriação da base fundiária, esse proletariado livre como pássaros não podia ser absorvido pela manufatura nascente com a mesma velocidade com que foi posto no mundo. Por outro lado, os que foram bruscamente arrancados de seu modo costumeiro de vida não conseguiam enquadrar-se de maneira igualmente súbita na disciplina

A perspectiva dominante não relaciona as experiências de lutas dos trabalhadores no presente, seja na luta por direitos trabalhistas ou na luta pela terra, às suas lutas no passado e, assim, não estabelece qualquer relação com uma tradição dissidente e de resistência dos trabalhadores. Olhar em perspectiva para o passado levou-me a identificar o processo histórico de criminalização dos movimentos sociais de trabalhadores.⁵

Em meados do século XX, a polícia e o Judiciário estavam seguindo uma política ordenadora de processos sociais, fundamentada no Decreto-Lei n. 431, de 18 de maio de 1938. Todavia, parece que as pressões dos movimentos sociais e as disputas jurídicas expuseram as contradições da legislação e obrigaram a instituir uma nova lei de segurança nacional em 1953 – Lei de Segurança Nacional, Lei n. 1.802, de 5 de janeiro de 1953; mas 1949 era o início desse processo histórico. A intervenção da polícia e do Judiciário no social para assegurar a “ordem pública” e a “segurança nacional” já era notória desde a cassação do registro do PCB e de seus mandatos parlamentares, pelo menos.

Nesse processo, a imprensa constituiu-se o local em que o movimento dos trabalhadores não apenas adquiriu visibilidade e a notícia se disseminou no social. A imprensa operou como agente na construção de memórias e de histórias sobre os trabalhadores e de seus movimentos em Fernandópolis. Entre as diversas maneiras utilizadas na produção de sentidos do passado desse acontecimento, a imprensa, como “*espaço articulador de projetos políticos e formador de opinião*”⁶, exerceu pressões na formulação de versões de memórias hegemônicas e alternativas.

da nova condição. Eles se converteram em massas de esmoleiros, assaltantes, vagabundos, em parte por predisposição e na maioria dos casos por força das circunstâncias. Daí ter surgido em toda a Europa ocidental, no final do século XV e durante todo o século XVI, uma legislação sanguinária contra a vagabundagem. Os ancestrais da atual classe trabalhadora foram imediatamente punidos pela transformação, que lhes foi imposta, em vagabundos e paupers. A legislação os transformava como criminosos 'voluntários' e supunha que dependia de sua boa vontade seguir trabalhando nas antigas condições, que já não existiam”. MARX, K. *O capital: crítica da economia política*. 3 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988. p. 265.

⁵Cf. LINEBAUGH, P; REDIKER, M. *A hidra de muitas cabeças: marinheiros, escravos, plebeus e a histórica oculta do Atlântico revolucionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. THOMPSON, E. P. *Senhores e caçadores: a origem da Lei Negra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. _____ *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

⁶FENELON, D. R; CRUZ, H. F; PEIXOTO, M. R. C. Introdução. Muitas memórias, outras histórias. In: FENELON, D. R. et al. (Orgs.). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d'Água, 2004. p. 10. Cf. CHESNEAUX, J. *Devemos fazer tábula rasa do passado?* Sobre a história e os historiadores. São Paulo: Ática, 1995.

Pode parecer ambíguo que versões das memórias hegemônicas abordam o movimento de trabalhadores de 1949 em Fernandópolis como “movimento revolucionário”, “levante comunista”, “revolução agrária”, entre outras denominações. Essa aparente ambiguidade desvencilha projetos e interesses em disputa, porquanto não apenas nomeou, contudo atribuiu significação e denotou memórias e identidades ao movimento, cimentando as bases para as diversas versões produzidas sobre o movimento social, tanto no passado quanto no presente. Quais as circunstâncias para a produção social dessas memórias e histórias? Quais as injunções para as contradições vividas e significadas pelos diversos sujeitos envolvidos nesse processo histórico? Como transcorreu o processo histórico que fixou limites e exerceu pressões nas experiências vividas e na produção dos sentidos das memórias sobre o movimento?

A imprensa, ao informar os fatos, os constrói e os inventa, produzindo “*uma narrativa sobre os acontecimentos que se apresenta como o próprio acontecimento, reivindicando uma condição de lugar de verdade na produção do entendimento sobre a realidade social*”, como afirma Laura Maciel. A imprensa – ao silenciar ou noticiar um acontecimento – molda significados e interpreta as experiências e práticas de trabalhadores em luta, concorrendo para a constituição e difusão de memórias hegemônicas. Nesse sentido, o “*ponto central de nossas reflexões passa por uma atenção às disputas e lutas que marcam a produção social da memória, considerando a imprensa um dos lugares privilegiados para a construção de sentidos para o presente e uma das práticas de memorização do acontecer social*”.⁷ Naquele final de década de 1940 e início da década de 1950, a imprensa constituía-se por grupos empresariais capitalistas, controlados ou não por empresas familiares, mas estabelecendo-se enquanto redes de poder, produzindo e veiculando notícias em um ambiente de luta de classes.⁸

É possível afirmar que as diversas frações da burguesia industrial e agrária acreditavam que era verossímil uma “revolução comunista”, dado o ambiente de lutas no campo e na cidade desde 1945. Alguns historiadores chegaram assemelhar aquela conjuntura do final da década de 1970 e início da década de 1980 – quando os trabalhadores como sujeitos históricos e conscientes do processo vivido elaboraram projetos diversos para as suas vidas, ou “quando novos personagens entraram em cena” – ao ambiente social e político vivido com muitas expectativas após a Segunda Guerra Mundial, em que os trabalhadores forjaram práticas de lutas diversas, revigorando os sindicatos e

fortalecendo o partido que mais se aproximava pragmática e politicamente dos trabalhadores – o Partido Comunista do Brasil (PCB)⁹. Em 1949, o PCB se movimentava pressionado pela cassação do registro partidário e dos mandatos parlamentares, pela ilegalidade do partido e por conta do realinhamento de seu projeto político, com a “guinada à esquerda”.¹⁰

O “Diário da Noite”, na segunda-feira, dia 27 de junho de 1949, estampava no topo da primeira página, ocupando espaço significativo e utilizando quatro tipos diferentes de letras e com tamanhos variados, a seguinte manchete: **“Pretendiam tomar Fernandópolis de assalto 23 homens armados. Invadiram residências e saquearam casas de comércio. Fracassado o plano dos comunistas – homiziados os criminosos no Mato dos Garcia”**.¹¹ Esse periódico, como todos os demais periódicos dos “Diários Associados”, assumia uma posição política anticomunista e significava como “subversão da ordem” qualquer movimento social dos trabalhadores. O texto da reportagem é extenso e ocupa também outra página daquela edição:

Segundo informações colhidas pela reportagem do DIÁRIO DA NOITE no Departamento de Ordem Política e Social, comunistas de Fernandópolis, de Populina e do distrito de Estrela do Oeste (sic), haviam concertado um plano para atacar aquele distrito e a cidade de Fernandópolis, Antônio Areu dos Santos (sic), vulgo Antônio Joaquim, vereador comunista em Fernandópolis e, antigo elemento da Coluna Prestes, foi o articulador daquele grupo.

Na noite de 23 para 24 deste mês, foram despachados portadores a elementos comunistas de Populina, Macedônia, Dolcinópolis, Fazenda dos Ingleses, Guarani do Oeste e Brasitânia, em nome daquele vereador (concluiu na 16.a página) apazando um encontro nas proximidades de Fernandópolis, para a madrugada do dia 24, quando então deflagraram a **revolução camponesa** ou **revolução agrária**. Tomariam a cidade, ocupariam a delegacia de polícia, a estação de Rádio Patrulha e a Prefeitura, saqueariam (sic) bancos, destruiriam o arquivo policial e cometeriam atentados pessoais.

Corriam notícias de que o plano estava conjugado em todo Estado. Cerca de 23 horas,

⁷MACIEL, L. A. Produzindo notícias e histórias: algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa – 1880/1920. In: FENELON, D. R. et al. *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d'Água, 2004. p. 15.

⁸Cf. CRUZ, H. F.; PEIXOTO, M. R. C. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. *Projeto História*, São Paulo, n. 35, p. 255-272, dez. 2007. GRAMSCI, A. *Os intelectuais e a organização da cultura*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982. p. 178.

⁹Cf. COSTA, H. *Em busca da memória: comissão de fábrica, partido e sindicato no pós-guerra*. São Paulo: Página Aberta, 1995.

¹⁰Cf. PRESTES, L. C. Como enfrentar os problemas da revolução agrária e antiimperialista. *Problemas*, Rio de Janeiro, n. 9, p. 18-42, abr. 1948. In: Forjar a mais ampla frente nacional em defesa da paz, da liberdade e contra o imperialismo. *Problemas*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 11-79, jun./jul. 1949. POMAR, P. E. R. *Comunicação, cultura de esquerda e contra-hegemonia: o jornal Hoje (1945-1952)*. 2006. 192 fls. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade de São Paulo – USP, São Paulo. LONER, B. A. *O PCB e a linha do “Manifesto de Agosto”: um estudo*. 1985. 206 fls. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

¹¹*Diário da Noite*, São Paulo, Ano XXV, n. 7.529, segunda-feira, 27 de Junho de 1949, p. 1. (Grifo nosso).

um grupo de nove comunistas, chefiados por Antônio Joaquim, todos já identificados, assaltaram Populina, invadiram residências e casas de comércio, de onde saquearam armas e munições, assaltaram e desarmaram o inspetor de quartirão e o guarda-noturno local, acabando por tirar da cama o motorista da jardineira de Fernandópolis a Populina, que ali pernoite, obrigando-o sob coação armada, a conduzi-los naquele veículo, onde também fizeram embarcar o proprietário da jardineira. No caminho, ainda invadiram residências, tomando armas e atacaram o domicílio do inspetor de quartirão José Honório da Silva, no Córrego Capivara, com o qual trocaram tiros.

O **bando**, segundo informações que obtivemos, veio até a entrada de Fernandópolis, onde José Antônio Figueiredo, vulgo, José Cearense, para aí designado, os avisou de que o **movimento** havia fracassado nas outras localidades já citadas.

Era o grupo, nessa altura composto de 14 homens e concluíram eles, então, não ser possível assaltar a cidade com tão reduzido número. Voltaram no mesmo ônibus, até Guarani do Oeste, onde acabou a gasolina do veículo. Aí obrigaram um caminhão (sic) a conduzi-los e neles prosseguiram até o Mato dos Garcia, onde se internaram estando sendo procurados. Em **março do ano passado**, o delegado de Fernandópolis já havia instaurado um inquérito contra o mesmo Antônio Joaquim, que organizara esse mesmo plano de assalto agora posto em prática.

Figura esse vereador como principal indiciado no referido inquérito, com mais dez elementos. O inquérito instaurado em março foi enviado ao juiz de Votuporanga em 12 de abril.

Para tomar as providências exigidas, seguiram de avião para aquelas localidades, enviados pelo sr. Ribeiro da Cruz, diretor do DOPS, os delegados Louzada Rocha e os adjuntos Arnaldo Camargo Pires e Palma Rocha, bem como vinte praças da Força Pública, dirigidos por oficiais.¹²

Até aquela data, 27 de junho de 1949, apenas 3 dias após o movimento, a versão dos fatos apresentada pelo *Diário da Noite* é a primeira narrativa que mais informa e densamente descreve o movimento de trabalhadores de Fernandópolis. O jornal procura afiançar a verossimilhança da narrativa pela carga descritiva e informativa da reportagem e ao indicar que as informações foram colhidas junto ao DOPS.¹³ Pela primeira vez o movimento é relacionado a uma “revolução camponesa” ou “revolução agrária”, talvez porque se buscava relacionar o movimento em Fernandópolis ao “Manifesto de Janeiro de 1948”. Antônio Alves dos Santos, um dos principais líderes do movimento, é identificado como “articulador” do “plano

concertado”, informa ainda que Antônio Joaquim participasse na Coluna Prestes. A associação entre Antônio Joaquim e Prestes não é fortuita. Tem o sentido de substanciar politicamente o movimento e os sujeitos envolvidos, situando o processo no ambiente da Guerra Fria.

A reportagem comete algumas imprecisões factuais ao afirmar que Antônio Joaquim participara do grupo que iniciara o movimento em Populina. Antônio Joaquim entra na jardineira apenas quando essa passa pelo Córrego do Feijão, entre Populina e Guarani D'Oeste, onde se encontrava e local de sua moradia. Antônio Joaquim é identificado também como aquele que não é mais réu primário ou mero militante comunista, pois já havia “concertado plano de assalto” parecido em ano anterior.

Alguns termos utilizados no texto (tais como “concertado um plano”, “revolução camponesa”, “revolução agrária” e “o bando”) chamam a atenção pelos significados atribuídos ao movimento e pela repetição dos mesmos termos em outras reportagens e no relatório policial produzido para o inquérito instaurado.¹⁴ O DOPS fornece as informações aos diversos órgãos de imprensa que noticiaram os fatos. Identificar a autoria das versões da memória hegemônica produzida leva-me a problematizar que o “texto” da versão hegemônica foi sendo tecido por diversas “mãos”, formulado no processo entre o noticiar o acontecimento pela imprensa e a produção do relatório final do inquérito policial.¹⁵

A formulação de uma versão dos fatos parecia preocupar os *Diários Associados* e, para tanto, deslocou para Fernandópolis o jornalista Arlindo Silva e o fotógrafo Peter Scheier. A reportagem foi inicialmente publicada no jornal *Diário de São Paulo* e, posteriormente, na revista *O Cruzeiro*. O ambiente tensamente vivido parecia justificar tal empreendimento. A reportagem no jornal *Diário de São Paulo* ocupa o topo da primeira página e da última página da edição do dia 16 de agosto de 1949. A manchete denota os sentidos atribuídos ao movimento em seus dizeres: **“Rebelião fracassada no sertão paulista. Tentaram os comunistas uma 'revolução agrária' na região de Fernandópolis”**.¹⁶ A reportagem torna público, de forma intrincada, muitos dos aspectos que foram descritos no relatório do inquérito policial, assinado no dia 02 de agosto pelo delegado de polícia Fernando Mendes de Souza e remetido no mesmo dia para a Justiça Pública, a Comarca de Votuporanga.

A narrativa do jornalista descreve o movimento não se limitando às entrevistas com as pessoas envolvidas, mas também utiliza fartamente o inquérito policial produzido sobre o caso, trazendo ao final uma “relação completa dos revoltosos” que compuseram o movimento. Alguns trechos da reportagem é uma

¹²*Diário da Noite*, São Paulo, Ano XXV, n. 7.529, segunda-feira, 27 de Junho de 1949, p. 1 e 16. (Grifo nosso).

¹³No artigo utilizo a sigla DOPS para “Departamento de Ordem Política e Social”, como órgão da “Secretaria da Segurança Pública do Estado de São Paulo”, como está impresso nos diversos documentos utilizados para essa pesquisa.

¹⁴Delegacia de Política de Fernandópolis. Prontuário 747 de José Honório da Silva e outros. 25/06/1949.

¹⁵Processo Crime, nº. 140, de 1949, da Comarca de Votuporanga/SP. 762 fls. Constitui-se no processo criminal sobre o “movimento comunista de 1949 em Fernandópolis”. O processo foi protocolado no Supremo Tribunal Federal em 05 de setembro de 1950.

¹⁶*Diário de São Paulo*, São Paulo, 16 de agosto de 1949, p. 1.

verdadeira cópia do relatório do inquérito policial, relatando a reunião preparatória, a “palavra de ordem do partido” com instruções para o “levante vermelho”, os diversos atos decorridos do deslocamento de Populina a Fernandópolis, informa que “os outros bandos haviam falhado”, que houvera uma “onda de pânico e desespero”, entre outros pontos abordados na reportagem. Ao mesmo tempo, a reportagem enfatiza que “*Antônio Joaquim, que chefiou a rebelião, pertenceu a celebre 'Coluna Prestes', em 1924*”, repisando a “notícia” para construir “o fato”.

A narrativa é iniciada com uma anedota referente ao momento de chegada do avião com os repórteres no “aeroporto” da cidade – descrito, ironicamente, como uma pista no meio de um pasto acidentado:

O Senhor deve pedir um soldado para guardar o avião”. Percebemos logo que o ambiente nesta longínqua e novíssima cidade do **sertão paulista**, depois da **revolução fracassada dos comunistas**, era de temor e de inquietação. Essa recomendação daquela **gente boa e simples** ao comandante Natividade tinha sua razão de ser plenamente justificada. Assim, logo que chegamos à cidade, fomos à Delegacia de Polícia e pedimos um praça para montar guarda ao famoso “Beechcraft” dos “Diários Associados”. O delegado cedeu dois soldados do seu destacamento, os quais passaram tôda noite junto ao aparelho. Jantaram, de marmita, sentados nas rodas do “Beech” e dormiram debaixo de suas asas. Embora essas providências pareçam exageradas para o público leitor, elas nada mais foram que uma prevenção contra qualquer tentativa de represália dos comunistas, porque tôda a pequena cidade estava sabendo da chegada, ali, dos repórteres de “O Cruzeiro” e “Diários Associados”. E os comunistas sabem que a **diretriz da cadeia associada é de guerra aberta contra todas as formas de extremismos**. A nossa viagem para Fernandópolis teve por fim fixarmos para os “Diários Associados” um **documentário honesto do levante vermelho** que aqui ocorreu há dias, e cujas marcas continuam vivas, atestando a **violência do saque**.¹⁷

O repórter dos *Diários Associados* informa ao leitor que a posição da rede de imprensa e comunicação é de “guerra aberta” a todos os movimentos sociais, caracterizando-os de “extremismos”. Produzir uma narrativa com o desígnio de cravar uma versão dos fatos por meio de um “documentário honesto do levante vermelho” indica a posição dos *Diários Associados*, não apenas para aquele “*ambiente longínquo e novíssimo do sertão paulista*”, mas a posição de classe que orientavam as reportagens produzidas sobre os trabalhadores e sobre o PCB – e, é óbvio, sobre os movimentos sociais em todo o Brasil. As imagens formuladas sobre a cidade expressa o estranhamento com os fatos decorridos naquele lugar, “cujas marcas continuam vivas”. A vivacidade dos

acontecimentos e a energia que ainda parecia mover aquela “gente boa e simples” da cidade parecem atordoar os repórteres; o clima de “temor e inquietação” parecia pairar sobre a cidade. A narrativa de Arlindo Silva abre brechas permite dimensionar os significados para aqueles que viviam em Fernandópolis naquele momento, não apenas os relacionados aos acontecimentos da noite do dia 23 para a manhã do dia 24 de junho, mas também a repressão policial desencadeada junto à população da cidade e o clima de terror criado em decorrência à presença do DOPS e da força militar deslocada para a cidade. Certamente, o que estava acontecendo era inusitado e alterava a rotina da cidade.

Ao definir como os movimentos sociais devem ser compreendidos – a prática jornalística de “fixar” um “documentário honesto” – o periódico elaborou narrativas que “*deveriam ser consideradas para que fosse possível estabelecer certa Memória capaz de cunhar uma História certa*”.¹⁸ A reportagem do *Diário de São Paulo* constitui-se em uma prática social que formaliza uma posição política determinada sobre os movimentos sociais, procurando orientar, além de práticas de repressão e controle, a composição da memória pública sobre os movimentos de trabalhadores e, em particular, o que ocorreu em 1949 em Fernandópolis. O que estava em disputa na correlação de forças assumida pelos *Diários Associados* constituía-se na “fixação” da “memória certa”, ou melhor, da sua narrativa histórica, da sua verdade, daquele movimento social de trabalhadores ocorrido em Fernandópolis.

O repórter Arlindo Silva desnudou e escreveu com todas as letras o que preocupava os setores dirigentes e as classes dominantes e proprietárias com o movimento em Fernandópolis em 1949: a questão agrária. Na avaliação do repórter, o movimento havia “fracassado”, mas era considerável o simples fato daquele projeto ou da “idéia criminosa” adquirir materialidade, com a possibilidade de erodir a “ordem” estabelecida, entre outras coisas, a propriedade privada da terra e do capital. Pior: “*conseguiram convencer os homens simples que trabalham na roça e estes aderiram à 'revolução agrária'*”. A “ousadia” do que poderia ter ocorrido, não deveria ser negligenciada pelas autoridades e o *Diário de São Paulo* estava ali para alertar a todos do “mal” que significou aquele movimento.

A edição de 16 de agosto de 1949 do jornal *Diário de São Paulo* marca esse território de disputas políticas e de disputa de projetos nesse processo de composição das memórias e de criminalização do movimento por meio da imprensa, corroborando com o DOPS e com a Justiça. A reportagem foi reproduzida em “fac-símile” e usada na campanha eleitoral de 1963, como panfleto apócrifo abundantemente distribuído na cidade, diante da candidatura de Fernando Jacob a prefeito, um dos indiciados no “levante comunista”. O “fac-símile” da reportagem foi recheado de textos

¹⁷*Diário de São Paulo*, São Paulo, 16 de agosto de 1949, p. 1. (Grifo nosso).

¹⁸Projeto PROCAD/CAPES, PUC/SP, 2000, p. 5 *apud* ALMEIDA, P. R.; CALVO, C. R.; CARDOSO, H. H. P. Trabalho e movimentos sociais: histórias, memórias e produção historiográficas. In: CARDOSO, H. H. P.; MACHADO, M. C. T. (orgs.). *Histórias: narrativas plurais, múltiplas linguagens*. Uberlândia: EDUFU, 2005, p. 17.

depreciativos do movimento dos trabalhadores de junho de 1949. A manchete do panfleto, “**A História se repete**”, é seguida logo abaixo pela assertiva “**Em 1949 o candidato comunista Fernando Jacob já quis assaltar a Prefeitura de Fernandópolis!**”. Ao pé das duas páginas, após a reprodução da edição do *Diário de São Paulo*, a seguinte sentença: “**Quem crê em Deus não vota em comunista**”. Na segunda página do panfleto “**Comunistas deram tiro no Coração de Jesus**”, fazendo alusão ao tiroteio ocorrido na casa de José Honório de Silva, em que um projétil entre a saraivada de tiros acertou o quadro do Coração de Jesus. Para concluir, o panfleto imprimiu os seguintes dizeres:

[...] Provando ser real e verdadeiro esse importante documento [...]. Documento verdadeiro que mostra e prova a realização da “Revolução Agrária”, na qual o comunista Fernando Jacob, teve participação ativa, chefiando a rebelião fracassada e deixando incautos lavradores nas mãos da Polícia. Fernando Jacob fugiu, mas foi preso em São Joaquim da Barra. Fernando Jacob sempre foi agitador, sempre fez vítimas, sempre levou intranquilidade aos lares.¹⁹

As disputas políticas de meados da década de 1960 recompõem as memórias sobre o movimento de 1949 e expõem o ambiente de disputas acirradas sobre o projeto político para cidade. As marcas daquela experiência de 1949 foram retomadas para fazer lembrar o que estava em jogo para as classes dominantes: a propriedade. Essas marcas sobrepuseram (e sobrepõem) o processo de construção histórica e social da memória sobre o acontecimento de 1949 em Fernandópolis. Os periódicos dos *Diários Associados*, incluindo a revista *O Cruzeiro*, constituíram-se em material de referência para a composição das memórias hegemônicas sobre as diversas lutas dos trabalhadores e, em particular, sobre o movimento de 1949 em Fernandópolis, subscrevendo histórias sobre a cidade e sobre os movimentos sociais.²⁰

Historicamente, corroborou nesse “empreendimento” a série de quatro reportagens editadas para a revista *O Cruzeiro*, intitulada “**A 5.ª COLUNA VERMELHA NO BRASIL**”, publicada nas edições dos dias 10, 17 e 24 de setembro e 1 de outubro de 1949. Nessa série de reportagens, maquiavelicamente a revista *O Cruzeiro* construiu narrativas que expressaram, categoricamente, que o Brasil estava sendo alvo de uma conspiração comunista e a estratégia passaria por iniciar a “revolução vermelha” pelo interior do Estado de São Paulo. Para isso, “noticiaram” a prisão de um “espião soviético” e suas “confissões”, o projeto de “tomada do poder” como “objetivo final”, a penetração dos “agentes

do 'Kominform' em São Paulo” e, por fim, na edição do dia 01 de outubro de 1949, a “Insurreição dos trabalhadores rurais”, tratando, detalhadamente, do acontecimento em Fernandópolis. Nessa última edição da revista *O Cruzeiro*, a reportagem ocupou sete páginas distribuídas entre as páginas 69 a 92. A série de reportagens é assinada pelo repórter Arlindo Silva, o mesmo autor da reportagem para o *Diário de São Paulo*. As reportagens foram amplamente ilustradas com reproduções de documentos do DOPS (manuscritos, organogramas, entrevistas, diários, fotografias, periódicos, entre outros materiais), com o evidente objetivo de provocar um “efeito de verdade” na série, já que o DOPS era visto como “*uma trincheira poderosíssima na luta contra o plano de subversão dos vermelhos*” e, assim, portador “da verdade” sobre os fatos. Portanto, a revista *O Cruzeiro* justifica a série de reportagens nos seguintes termos:

Começamos a divulgar hoje uma série de reportagens sobre as atividades subterrâneas dos comunistas no Brasil. A documentação que acompanha e ilustra de maneira insofismável a narrativa do repórter, foi fornecida, com exclusividade a O CRUZEIRO pelo Departamento de Ordem Política e Social de São Paulo – uma trincheira poderosíssima na luta contra o plano de subversão dos vermelhos. O material que vamos publicar se refere mais particularmente à fermentação comunista no poderoso Estado de São Paulo, o qual, por ser a fonte principal da riqueza econômica do país, e também a unidade mais moderna e mais progressista, reunindo cerca de 600 mil operários só na indústria – é, por isso mesmo, o foco de maior efervescência política, e campo preferido pelos escravos de Moscou para sua campanha de agitação.²¹

O “empreendimento” dos *Diários Associados* não permite que pare dúvidas sobre suas intenções e de seu posicionamento político e ideológico, situando o material como uma prática social que pode intervir no social com o desígnio de direcionar os rumos do porvir. Ao narrar sua versão sobre o acontecimento, a revista *O Cruzeiro* significa o movimento e apetece definir “o que ocorreu de fato”, forjando imagens e associações de idéias e projetos que, de fato, não tinham tal amplitude ou conexão como o periódico em sua “insofismável” narrativa procurava demonstrar. As narrativas construíram memórias não apenas do movimento ocorrido em Fernandópolis, mas, sobretudo, corroboraram a tradicional imagem do Estado de São Paulo como “*a unidade mais moderna e mais progressista*” – o “*carro chefe da nação*”.

A última reportagem da série, “**A 5.ª COLUNA VERMELHA NO BRASIL – IV: Insurreição dos trabalhadores rurais**”, cujo subtítulo expressa a memória dividida sobre o movimento, ao afirmar – com certa ambiguidade – os trabalhadores como sujeitos em seu movimento social. A narrativa ambígua limitou-se ao

¹⁹ A História se repete. Em 1949 o candidato comunista Fernando Jacob já quis assaltar a Prefeitura de Fernandópolis! Panfleto (Apócrifo), 1963. CDP/FEF.

²⁰ Cf. *Diário de São Paulo*. O caso de Fernandópolis. 17 de dezembro de 1944 apud COSTA, R. M. S.; COSTA, V. L. Fernandópolis – das raízes à consolidação da emancipação. In: PESSOTA, A. J. et al.. *Fernandópolis: nossa história, nossa gente*. Fernandópolis: Bom Jesus, 1996. p. 44-45.

²¹ *O Cruzeiro*, 10 de setembro de 1949, p. 79.

subtítulo da série jornalística, pois logo abaixo, no texto que informa a “TV” reportagem, os mesmos trabalhadores rurais foram descritos depreciativamente como “*homens simples do campo*”, sujeitos a “*politização [...] visando à formação de Ligas camponesas*”.

Antes de tratar do “O LEVANTE ARMADO EM FERNANDÓPOLIS”, título de um dos diversos itens que compõem a última reportagem da série, o jornalista teceu um preâmbulo contextualizando o acontecimento em Fernandópolis, relacionando-o aos diversos movimentos sociais e práticas de lutas dos trabalhadores no período.²² A narrativa da revista *O Cruzeiro* reproduz, em muitos momentos, trechos do inquérito policial²³ aberto para o caso e a reportagem publicada, anteriormente, pelo *Diário de São Paulo*.²⁴ A reportagem ainda relata que o movimento na cidade “fracassou” porque os outros grupos, (“bandos”) que estavam mobilizados não chegaram a Fernandópolis. Por fim, destaca o “Segundo Congresso das Municipalidades”²⁵, que ocorreu em Ribeirão Preto entre os dias 12 e 17 de junho, em que muitos “vereadores de Prestes” foram presos e indiciados; encerrando a reportagem, “a palavra do General Scardela Portela” – no período, Secretário de Segurança Pública do Estado de São Paulo – em que afirmava que o “*comunismo foi o maior veneno lançado no espírito humano no decorrer do século XX. É uma teoria absurda e inadmissível sob todos os pontos de vista [...]. Em São Paulo estamos agindo com a máxima energia contra estes perturbadores da ordem pública*”.²⁶

Nesse processo de construção social das memórias, a imprensa capitalista se impôs como articuladora da versão daquele tempo vivido. Nesse ambiente político e social marcado de lutas diversas de trabalhadores e de uma intrincada temporalidade de disputas de projetos políticos e de disputas ideológicas situadas no domínio da Guerra Fria, memórias foram narradas sobre o movimento de trabalhadores em Fernandópolis com o desígnio de corroborar na criminalização dos movimentos sociais de trabalhadores na luta pela terra.

A produção histórica dos sentidos do passado ocultou os diversos conflitos e movimentos dos trabalhadores arrendatários de terra, os conflitos no processo de formação de fazendas, os despejos dos trabalhadores e as lutas pela terra. Muitos trabalhadores vislumbraram nos deslocamentos para a região Noroeste paulista a possibilidade de acesso à terra, melhores condições de vida, de trabalho e moradia. De fato, alguns trabalhadores assumiram-se como comunistas em momentos diversos de suas vidas. Outros se mantiveram comunistas até o fim de suas vidas, como é caso de Antônio Alves dos Santos, o Antônio Joaquim. Assim, as

lutas dos trabalhadores e os diversos projetos em disputa para o campo e para a cidade foram naturalizados e limitados a algumas tensões políticas entre frações das classes dominantes, descontextualizadas nas narrativas e memórias laudatórias. A luta de classes, diariamente vivida entre trabalhadores e latifundiários, fora ocultada da história da cidade e da região, cujas relações hegemônicas compuseram o saber histórico dominante difundido no social.

Artigo recebido em 27/09/2010

²² *O Cruzeiro*, 01 de outubro de 1949, p. 72-88.

²³ Delegacia de Polícia de Fernandópolis. Prontuário 747 de José Honório da Silva e outros. 25/06/1949; Processo Crime, n. 140, de 23 de agosto de 1949.

²⁴ *Diário de São Paulo*, São Paulo, 16 de agosto de 1949.

²⁵ Cf. POMAR, P. E. R. *A democracia intolerante*: Dutra, Adhemar e a repressão ao Partido Comunista (1946-1950). São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial do Estado, 2002.

²⁶ *O Cruzeiro*, 01 de outubro de 1949, p. 92.